



A LÍNGUA ESTRANGEIRA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

EL IDIOMA EXTRANJERO EN LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA

THE FOREIGN LANGUAGE IN CLINICAL PSYCHOANALYSIS

Arthur Silvério de Oliveira¹
Elaine Cristina Schmitt Ragnini²

RESUMO: Com o avanço da globalização e a intensificação dos processos migratórios, psicanalistas brasileiros se veem desafiados a atender pacientes que utilizam-se do português como língua estrangeira. Além disso, a presença de analistas brasileiros no exterior faz com que estes também atuem em outros idiomas. Ainda que haja significativa publicação psicanalítica acerca da dinâmica psíquica em sua relação com o fenômeno migratório, especialmente na última década, poucos pesquisadores se debruçaram sobre as implicações práticas da condição migratória no trabalho clínico. Prova disso é a escassa produção psicanalítica sobre o tema das línguas estrangeiras e seus lugares no setting clínico e no manejo da transferência. Para um melhor entendimento da problemática, realizou-se uma investigação bibliográfica sobre o lugar das línguas estrangeiras na clínica psicanalítica no intuito de fomentar e sustentar o debate sobre essa questão que, como veremos, está sendo discutida em segundo plano desde a época de Freud e os primeiros analistas, até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Língua Estrangeira; Migração Humana; Clínica.

RESUMEN: Con el avance de la globalización y la intensificación de los procesos migratorios, varios psicoanalistas brasileños se ven desafiados a atender a pacientes que utilizan el portugués como lengua extranjera, y además, la presencia de analistas brasileños en el extranjero hace que también trabajen en otros idiomas. Aunque exista una significativa publicación psicoanalítica sobre la dinámica psíquica en su relación con el fenómeno migratorio, especialmente en las últimas décadas, pocos investigadores se han sumergido en las implicaciones prácticas de la condición migratoria en el trabajo clínico. Prueba de ello es la escasa producción psicoanalítica sobre el tema de los idiomas extranjeros y sus lugares en el setting clínico y en el manejo de la transferencia. Para una mejor comprensión de la problemática, se realizó una investigación bibliográfica sobre el lugar de los idiomas extranjeros en el psicoanálisis con el objetivo de sustentar y alimentar el debate sobre esta cuestión que, como veremos, ha estado siendo discutida en segundo plano desde la época de Freud y los primeros analistas.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Lengua Extranjera; Migración Humana; Clínica.

ABSTRACT: With the advancement of globalization and the intensification of migratory processes, Brazilian psychoanalysts find themselves challenged to attend to patients who use Portuguese as a foreign language. At the same pace, the presence of Brazilian analysts on foreign land convokes them to work in different languages. Although there is significant psychoanalytic publication about the migratory phenomenon, especially in the recent decades, few researchers have addressed the topic of the practical implications of the clinical work under these conditions. Evidence of this is the scant psychoanalytic production on the topic of foreign languages and their roles in the clinical setting and in the management of transference. For a better understanding of the issue, a bibliographical investigation was conducted on the place of foreign languages in psychoanalysis with the aim of supporting and nurturing the debate on this question, which, as we will see, has been discussed in the background since the time of Freud and the early analysts.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Foreign Language; Human Migration; Clinical Practice.

¹ Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Egresso do Curso de Especialização em Psicologia e Migração da PUC Minas. deoliveiraarthur@outlook.com

² Professora Associada do Departamento e da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Educação pela UFPR. elaineschmitt@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

As migrações humanas são um fenômeno social que sempre esteve presente na história da humanidade. Quando os deslocamentos ocorrem por territórios geográficos e implicam o atravessamento de fronteiras entre países, denomina-se migração internacional (Cavalcanti & Oliveira, 2018). As migrações podem ocorrer de forma voluntária, quando há o interesse de viver e se desenvolver em outro país, processo que envolve planejamento e organização para operacionalizar a vida. Ou pode ocorrer de forma involuntária, quando a decisão de migrar ocorre de forma abrupta, geralmente para salvar a vida, e não há condições para o planejamento da migração (Martins-Borges, 2017). De acordo com as agências internacionais para as migrações, estas migrações involuntárias são denominadas migrações forçadas, condição na qual também se encontram os refugiados, que se caracterizam por pessoas que sofrem de um temor de perseguição e buscam a proteção de outro Estado para garantir a vida. Para os refugiados, há acordos internacionais específicos que versam sobre sua condição e a necessidade de proteção (Gediel & Godoy, 2016). No caso brasileiro, constata-se a elaboração de resoluções emitidas pelo Conselho Nacional de Migração que concedem visto de acolhida humanitária a migrantes vindos de “contextos grave crise social e política, como os haitianos e sírios, marcando uma atuação de maior respeito aos direitos humanos e valorização da responsabilidade e promoção da paz e da solidariedade no cenário internacional” (Salle, Riggo, Santos, 2019, p.133-4).

A cada ano o número de migrantes forçados aumenta, tendo dobrado nos últimos 10 anos. Atualmente existem no mundo mais de 123 milhões de pessoas em situação de deslocamento forçado, dos quais 43,4 milhões são refugiados (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR, 2025). Esses deslocamentos ocorrem como resultado de conflitos, violações de direitos humanos e perseguições. De acordo com o ACNUR (2023), vivemos a maior crise humanitária desde a criação da ONU, em 1945. Estima-se que os migrantes no mundo somem mais de 281 milhões de pessoas. Historicamente, o Brasil faz parte das rotas migratórias mundiais, sendo destino ou passagem de migrantes internacionais. Dados do Observatório da Migração (Junger da Silva et al., 2025), vinculado ao Ministério da Justiça do Brasil, indicam que desde 2010 há registro de cerca de 1 milhão e 700 mil migrantes no país, sendo que desses mais de 260 mil são solicitantes de refúgio. Os dados da última década demonstram que o perfil da migração para o Brasil mudou, sendo majoritariamente de pessoas vindas do sul global. Segundo o Relatório Anual OBMigra, de 2025, as principais nacionalidades, dentre as 175 registradas, solicitantes de refúgio no Brasil,

no período de 2015 a 2024, foram de: venezuelanos; cubanos; haitianos; e angolanos (Junger da Silva et al., 2025). Frente a esse cenário, considera-se que esse trabalho está alinhado ao décimo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável proposto pela Organização das Nações Unidas que busca a redução das desigualdades dentro dos países e entre eles.

Ao adentrar por outro território, o imigrante experimenta a relação com uma nova cultura, língua e códigos de relação. O encontro com o outro da nova cultura demarca para o imigrante sua condição de estrangeiro, nem sempre desejável. A adaptação e a organização da vida em um novo país mobilizam, entre outros elementos da subjetividade, os afetos (Ragnini et al., 2023). Ser reconhecido, pertencer e fundar um lugar para si no laço social exigem um trabalho psíquico. Soma-se a isso o trabalho de elaboração das perdas por tudo que ficou no país de origem - seus familiares, sua história, a língua materna, os pertences e bens materiais constituídos ao longo de uma trajetória de vida. Assim, a experiência migratória, em muitos casos, vem acompanhada de sofrimento e adoecimento psíquico, o que leva imigrantes a buscarem o atendimento clínico - um lugar de escuta que viabilize o testemunho de sua condição (Ragnini, Serathiuk e Guerra, 2020).

O atendimento clínico psicanalítico para pessoas imigrantes e refugiadas frequentemente tem sua razoabilidade interrogada entre psicanalistas. Weissmann (2021) demonstra isso ao resgatar a polêmica gerada por Velikovsky (1934) ao pleitear a possibilidade de um idioma estrangeiro tornar-se capaz de transmitir a rede simbólica de nível inconsciente. Que torna-se “uma das mais radicais controvérsias da teoria psicanalítica, entre aqueles que dizem que o inconsciente se estrutura como linguagem e aqueles que dizem que a linguagem é condescendente com as operações do inconsciente.” (Amati-Mehler et al., 1990/2005). Portanto, o questionamento sobre a possibilidade de analisar(se) em língua estrangeira é baseado em uma concepção de que ao utilizar-se de palavras estrangeiras para retratar sentimentos e vivências algo se perderia, disfarçando o afeto e a libido investidos nas experiências. Com a validade de um processo analítico em língua estrangeira colocada em cheque, uma investigação da problemática na Psicanálise foi realizada com o objetivo de verificar, no percurso e no avanço da Psicanálise enquanto teoria e prática, compreensões, conhecimentos, posições e possíveis respostas a esse questionamento.

Para tanto, foi empreendida uma pesquisa bibliográfica a partir das atas das reuniões da Associação Psicanalítica de Viena (Nunberg, 1967), bem como de textos psicanalíticos freudianos, lacanianos e seus comentadores, com o intuito de melhor delimitar a construção histórica da questão no campo psicanalítico. Para o trato dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), que consiste em uma técnica de análise de dados qualitativos, que

permite organizar, codificar e interpretar dados segundo critérios previamente definidos. Os resultados encontrados serão apresentados e discutidos a partir das temáticas: os anos iniciais da Psicanálise; os períodos das grandes guerras mundiais; a compreensão lacaniana da temática; e as questões contemporâneas.

2 OS ANOS INICIAIS

Durante o período de vida de Sigmund Freud, Viena, a cidade na qual o fundador da Psicanálise passou a maior parte de seus anos, era um local marcado por ser cosmopolita e poliglota (Amati-Mehler, Argentieri & Canestri, 1990/2005). Freud, inclusive, era um exemplo dessa realidade: “Além de se sentir completamente em casa com o latim e com o grego, adquiriu um completo conhecimento do francês e do inglês, tendo ainda estudado sozinho italiano e espanhol. Evidentemente, tinha aprendido hebraico” (Jones, 1953/1979, p. 34.) A poliglotia era comum não só à cidade de Viena como um todo, mas especialmente à sua classe média, população acadêmica e círculo de médicos - grupos aos quais Freud e os outros pioneiros da Psicanálise usualmente pertenciam. Ainda assim, a questão da língua estrangeira e seus possíveis impactos na clínica com sujeitos polilíngues e políglotas não fruiu de posição de destaque na produção psicanalítica. Ela esteve, no entanto, sempre próxima e periférica. Aqui, distinguir polilinguismo e poliglotismo demonstra-se necessário para diferenciar as formas e razões pelas quais uma pessoa vem a dominar mais de uma língua. Enquanto o primeiro termo é utilizado para definir aqueles que foram criados em mais de um código linguístico, o último define aqueles que no decorrer da vida se apropriaram de outras línguas (Kernberg, 1990/2005).

Alguns casos relatados por Freud e seus seguidores demonstram como, mesmo não sendo foco principal das discussões, as ocorrências de línguas estrangeiras eram usuais, percebidas e normalmente peças-chave para o entendimento e solução desses primeiros casos clínicos. Ainda antes da estruturação formal da Psicanálise, Freud escreve sobre a evolução sintomática de Anna O., icônica paciente de Josef Breuer:

Com o passar do tempo, ficou quase totalmente desprovida de palavras. Juntava-as penosamente a partir de quatro ou cinco idiomas e tornou-se quase ininteligível [...] A parafasia regrediu, mas daí por diante ela passou a falar apenas inglês - só que, aparentemente, sem saber que o estava fazendo. Tinha discussões com a enfermeira, que, como é lógico, não conseguia entendê-la. Só alguns meses depois é que pude convencê-la de que estava falando inglês. Não obstante, ela própria ainda compreendia as pessoas a seu redor que falavam alemão (Freud, 1893/1996, p.61).

Essa sintomática se dá, no caso de Anna O., segundo Freud, devido ao fato de que “ela se sentira extremamente ofendida com alguma coisa e tomara a deliberação de não falar a esse respeito” (p. 32). No entanto, mais detalhes acerca das especificidades não são compartilhados, a não ser por um interessante detalhe de que “Havia uma amnésia total entre essas ocasiões e aquelas em que falava inglês” (Freud, 1893/1996, p. 32) o que postula-se explicar por uma possível sensação de distância ao trauma proporcionada pela língua estrangeira.

O “Homem dos Lobos” (Freud, 1918/2010) é outro caso marcado por tais interferências linguísticas. As questões que envolvem esse paciente se dão “a partir de seu relacionamento com seus genitores, de um lado, e, de outro, com sua governanta, em um intrincado jogo de línguas” (Amati-Mehler et al., 1990/2005, p. 114-115). Esse paciente, que “era de língua materna russa, teve uma babá inglesa e fazia sua análise em alemão” (p. 114) teve, anos depois, seus sonhos “reanalisados” por Nicolas Abraham e Maria Torok, que perceberam que o paciente utilizava o inglês como “língua críptica, ou seja, aquela que permitia a identificação de palavras ativas ou escondidas” (p. 115, apud. Abraham & Torok, 1976/1986). Esse caso, portanto, é de extrema importância ao fazer “analistas perceberem, que para compreendê-lo, ele que é multilíngue, é preciso procurar em várias línguas ao mesmo tempo o sentido originário daquilo que renuncia através da aparência única da língua alemã” (Abraham & Torok, 1976/1986, p. 31).

Outro retrato dessa condição aparece em texto de 1927, “O Fetichismo”, no qual Freud cita um paciente que consegue alcançar a satisfação sexual apenas mediante a um específico “brilho no nariz”. Esse comportamento fetichista encontra explicação “no fato do paciente ter sido criado na Inglaterra” (Freud, 1927/2020, p. 315) e, devido ao polilinguismo, inconscientemente realizar um lapso entre *glanz* no alemão e *glance* no inglês, assim caracterizando sua escolha objetal através desse jogo entre idiomas.

Esses são apenas os exemplos mais famosos a figurar diretamente na obra freudiana. Considerando, porém, o momento histórico e as condições de Viena do fim do século XIX e começo do século XX, compreendida como “o centro requintado do hedonismo mundial” (Rodrigué, 1995, p.99), a capital do Império Austro-Húngaro era conhecida por sua diversidade étnica e cultural (Amati-Mehler et al., 1990/2005). Faz-se comedido assumir que, muito possivelmente, outros casos similares figuraram nos consultórios de analistas da época. Desse modo ainda, pouco foi escrito e teorizado sobre a língua estrangeira na clínica psicanalítica.

Além dos casos clínicos, outro fator se faz importante para compreender a presença de línguas estrangeiras na gênese da Psicanálise. Amati-Mehler et al., em seu livro “A Babel do Inconsciente: Língua Materna e Línguas Estrangeiras na Dimensão Psicanalítica”, realizam uma breve pesquisa histórica da questão, demonstrando que a grande maioria dos psicanalistas pioneiros estavam envolvidos em cenários polílingues e políglotas em sua nascença ou formação. Max Eitingon, Alfred Adler e Karl Abraham, por exemplo, eram todos políglotas, sendo o último supostamente fluente em nove idiomas (Or-Gordon, 2021). Outros como Sandor Rado, Helen Deutsch e Sandor Ferenczi possuíam o alemão como uma língua estrangeira e foram treinados em Psicanálise nesse idioma. Ou seja, quase nenhum dos pioneiros da Psicanálise fez análise didática em sua língua materna (Amati-Mehler et al., 1990/2005, p. 53). Mesmo assim, “O problema da língua na qual um aprendia a tornar-se psicanalista, fosse materna ou estrangeira, também não foi discutido” (Or-Gordon, 2021, tradução nossa).

Há, no entanto, uma evidência de que essa discussão tenha ocorrido entre esses teóricos pioneiros, mesmo que de forma breve (Nunberg, 1967). A análise desta serve como prova áurea, inclusive, de como essa problemática não era entendida como importante ou digna de exploração, mesmo que frequentemente percebida nos pacientes. Nesse recorte histórico, Freud e seus seguidores se reuniam semanalmente para a discussão e apresentação de estudos gerais e casos - esses encontros eram chamados de Noites Psicológicas de Quarta-feira. Foram esses encontros a semente para a inauguração da Associação Psicanalítica de Viena, que passa a ser assim chamada a partir de 1908.

A cada encontro, um dos membros da Sociedade era responsável por fazer uma conferência fosse a respeito de um caso clínico, de um artigo a ser publicado, de um livro, de uma peça de teatro ou de um artista. Enfim, os temas variavam em torno de qualquer produção cultural ou científica, própria ou de outrem, que pudesse ser relacionada aos estudos psicanalíticos. Depois da conferência, começava um debate, com o qual, até 1908, todos os presentes eram obrigados a contribuir. (Zacharewicz & Formigoni, 2015, p. 309).

Foi em uma dessas reuniões, mais precisamente no dia 03/05/1908, que em uma apresentação de Dr. Bass intitulada “*Words and Thoughts*” (Palavras e Pensamentos, em tradução livre) o questionamento sobre a possibilidade de análise em uma língua estrangeira é colocado, aparentemente, pela primeira vez. Segundo a ata desses encontros, publicadas na década de 1960, Maximilian Steiner, médico que viria anos depois a diagnosticar o câncer de Freud, questiona “se seria possível analisar um neurótico que fale uma língua estrangeira”

(Nunberg, 1967, p. 71, tradução nossa). Otto Rank, secretário e membro da Associação, então replica que:

A língua da psicanálise é bastante difícil de se entender, em contraste com a língua do amor, essa internacional [...] O psicanalista necessita de um conhecimento adequado da língua de seu paciente, desde a mais sutil possibilidade de expressão e nuances do dialeto, para não levantar dúvidas acerca da perspectiva de cura” (Nunberg, 1967, p. 73, tradução nossa).

Ou seja, ao aceitar realizar análise com um paciente cuja língua materna seja desconhecida, o psicanalista flertaria perigosamente com a possibilidade de deixar passar palavras e significados importantes para a subjetividade do paciente e, conseqüentemente, para o avanço do processo analítico. Ainda que a posição de Rank seja fortemente contrária à possibilidade levantada por Steiner, interessantemente, Freud opta por não manter a discussão, rapidamente trocando de assunto. A psicanalista argentina, radicada em Londres, Diana Boczkowski lê, através dessa passagem, que para Freud pouco interessava o idioma em que se fazia a análise, mas sim a escolha de palavras, essa absoluta (Boczkowski, 2006).

3 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A “GENTE DA ENTENTE”

Escrever sobre a primeira metade do século XX na Europa sem, em algum momento, tocar no assunto das guerras mundiais é tarefa praticamente impossível. A Psicanálise, nessa via, não esteve alheia a nenhum desses acontecimentos, colecionando perdas, migrações e efeitos das guerras sobre sua prática e seguidores. Esses fatos históricos se demonstram fundamentais durante o exercício de debruçar-se sobre a questão desta pesquisa. Em específico, a primeira guerra é de grande importância, pois devido a ela analistas se viram convocados e interessados a atender de forma frequente em outros idiomas. Isso se dá principalmente devido à crise econômica que se estabelece no centroleste-europeu, o lado derrotado, após o fim da guerra. Tal crise se demonstrou tão potente e avassaladora, que reconfigurou toda a lógica monetária desses países, inclusive o público atendido nos consultórios de diversos psicanalistas, visto que:

Em contraste com a ‘gente da Entente’ recheada de dólares e libras esterlinas, os pacientes alemães ou austríacos não eram tão desejáveis [...] Como disse [Freud] à Kata Levy, ‘não é mais possível viver com vienenses, húngaros e alemães’ (Gay, 1988, p.528, tradução nossa).

Dessa forma, os psicanalistas, em sua grande maioria residentes de classe média/alta dessa região, viram-se praticamente obrigados a receber pacientes estrangeiros na busca de garantir seus estilos de vida em tempos difíceis: “Tenho atualmente quatro horas livres, e não gostaria de me alimentar de pacientes do poder central” (Freud, 1921 apud Gay, 1988, p. 528, tradução nossa), escreve Freud a Ernest Jones. A prática da análise em língua estrangeira, até então usualmente posta ao analisando conforme descrito anteriormente, passa a se tornar frequente para o analista.

Como pode um psicanalista se propor a escutar um paciente em uma língua para ele estrangeira? Quais seriam os efeitos dessa decisão? O acervo de cartas enviadas por Sigmund Freud na primeira metade do século XX apresenta interessantes respostas. Nesse período, o inglês tornou-se a língua principal dos atendimentos clínicos de Sigmund Freud, o que levou o psicanalista a procurar aulas do idioma em 1919. Contudo, em 1920, ele manifestou frustração com o progresso obtido: “Deveria ter feito um progresso melhor com meu inglês, mas acho muito mais difícil aprender aos 64 do que aos 16 anos. Atingi um certo nível e ali devo parar” (Gay, 1988, p. 528, tradução nossa). Aqui, o contato frequente e direto com a língua inglesa, extremamente dura de ser completamente domada por ele, passa a atormentá-lo. Escutar pacientes utilizando gírias ou simplesmente não sendo claros era uma tarefa difícil para ele, que lia tal modo de se falar como abominável. Esse ato teve seus efeitos:

Essas sessões em inglês deixavam-no tão cansado, confessou a Ferenczi, ‘que no fim do dia já não sirvo mais para nada’. Isso o incomodou o suficiente para fazê-lo pensar sobre. Ele percebeu que as ‘5, às vezes 6 e 7 horas’ em que ele estava escutando e falando em inglês eram tão ‘extenuantes’, como contou à Kata Levy em 1920, que ele não mais conseguia responder suas cartas pela noite e havia deixado a tarefa para os domingos (Gay, 1988, p. 529, tradução nossa).

O que essa passagem nos leva a entender é que sustentar atendimentos em idiomas estrangeiros não exige, de forma alguma, o mesmo dispêndio de energia do que quando feito em uma língua na qual se tem fluência, essa muito mais simples. Dessa passagem, ressalta-se a exigência que o atendimento em outra língua faz ao analista.

4 A SEGUNDA GUERRA, JUDEIDADE E O EXÍLIO

Vinte anos após o término da Primeira Guerra Mundial, a Europa defrontava-se com um novo conflito. Dessa vez, o autoritarismo avançava pela Europa a partir da rápida ascensão do partido nazista, liderado por Adolf Hitler, à liderança da Alemanha. Esse conflito

foi marcado não apenas por uma sangrenta guerra entre potências nos *fronts*, mas também pela perseguição e assassinato sistemático da população judaica na Alemanha e outros territórios tomados pelo nazismo (Fiorani, 2009).

A história da Psicanálise está intrinsecamente ligada com a “judaicidade” de Sigmund Freud e seus primeiros seguidores. Com o avanço do antissemitismo, já no século XIX, Peter Gay nota que inúmeros judeus se converteram ao cristianismo, mas que Freud não, ele continuava judeu, ainda que adotasse “um judaísmo sem religião” (Gay, 1988, p. 29, tradução nossa), possibilitado devido ao pai, “que permitiu-me crescer em completa ignorância de tudo sobre o Judaísmo” (Freud, apud Gay, 1988, p. 29, tradução nossa). Ainda que não particularmente ativo religiosamente, Freud sempre esteve alerta de sua judaicidade, colecionando vários exemplos em sua biografia. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), ele relata:

Eu tinha dez ou doze anos de idade quando meu pai começou a me levar em suas caminhadas e a revelar em nossas conversas as suas opiniões sobre as coisas deste mundo. Certa vez, ele me contou — para me mostrar como eram melhores os tempos em que eu vivia: “Quando eu era jovem, saí para passear num sábado, em sua cidade natal. Eu estava bem vestido, com um gorro de pele novo na cabeça. Então veio um cristão e, com um tapa, lançou meu gorro na lama e disse: ‘Judeu, desça da calçada!’”. “E você, o que fez?” “Eu desci da calçada e peguei meu gorro”, foi sua resposta tranquila. Essa postura me pareceu pouco heroica para o homem grande e forte que segurava o garoto pela mão (Freud, 1900/2019, p. 233).

Freud viria a perceber sua ancestralidade especialmente em seus anos de universidade, momento em que após uma importante quebra no mercado de ações de Viena, em 1873, parte da população austríaca se rendeu ao antissemitismo tomando os judeus como bodes expiatórios (Gay, 1988). Essa marca continuou por afetar não somente a vida pessoal de Freud, como, especialmente, a profissional. Um exemplo disso é que:

Em 1897, quando Nothnagel havia informado Freud de que ele e Krafft-Ebing o haviam indicado para promoção, ele também o alertou para que não esperasse muito: ‘você sabe as outras dificuldades’. Nothnagel estava claramente insinuando acerca da desagradável atmosfera para Judeus na Viena da moralidade Lueger”(Gay, 1988, p. 139, tradução nossa).

Essa “desagradável atmosfera” continuou por sobrevoar ao redor de Freud, suas descobertas e teoria. É possível questionar, inclusive, o quanto suas ideias acerca da sexualidade infantil, por exemplo, chocariam caso fosse ele mais um vienense gentil. Freud, mesmo sempre identificado à sua ancestralidade, sofreu efeitos diretos dessa atmosfera. Seu nome do meio ‘*Schlomo*’ e ‘*Sigismund*’, a grafia original hebraica de seu nome, por exemplo,

nunca foram utilizados publicamente pelo autor. Peter Gay ainda formula que embora Freud realmente gostasse de seu discípulo Carl Jung, o fato desse não compartilhar origem consigo era fator determinante para sua aposta no futuro do aluno: “Jung não era vienense, não era velho e, melhor ainda, não era Judeu” (Gay, 1988, p. 201, tradução nossa). Caso seu nome fosse ‘Oberower’, escreve Freud a Karl Abraham, o caminho da Psicanálise haveria sido mais simples e a ela haveria menos resistência (Freud, 1908 apud. Boczkowski, 2006). Sobre a judaicidade da Psicanálise:

Freud foi persuadido que enquanto o mundo percebesse a Psicanálise como uma ‘ciência judaica’, o fardo de que suas ideias subversivas teriam de aguentar apenas se multiplicariam. ‘Nós somos e continuamos a ser Judeus’, ele (Freud) escreveu para um correspondente judeu algum tempo depois (de 1908), ‘os outros irão simplesmente nos explorar sem nunca nos entender ou apreciar’ (Gay, 1988, p. 288, tradução nossa).

É a partir da Segunda Guerra Mundial e da perseguição e assassinato sistemático de judeus que a questão da língua estrangeira começa a ser explorada. Os psicanalistas, nesse momento, eram em grande parte judeus e, com o avanço do nazismo no centro leste-europeu, muitos viram suas existências ameaçadas.

O exílio foi então a escolha de centenas de psicanalistas judeus na iminência e durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns exemplos foram Ernst Simmel e Max Eitingon, os fundadores da promissora Policlínica de Berlim, que se viram obrigados a abandonar o sonho de uma Psicanálise pública inspirada na famosa palestra de Freud em Budapeste, exilando-se nos Estados Unidos e na Palestina, respectivamente. Otto Rank, Adolf Adler, Helene e Félix Deutsch, Hans Sachs, Sándor Rado e Otto Fenichel são outros nomes conhecidos, além de Anna e Sigmund Freud (Amati-Mehler et al., 1990/2005). O exílio, inclusive, leva Freud a ressignificar seu próprio pertencimento cultural:

Minha língua é o alemão. Minha cultura, minhas conquistas são alemãs. Eu me considerava alemão intelectualmente até perceber o crescimento do preconceito anti-semita na Alemanha e na Áustria Alemã. Desde esse momento, eu prefiro me chamar de Judeu (Viereck, 1930 apud Gay, 1988, p. 448, tradução nossa).

O volumoso exílio de psicanalistas nos convoca a refletir que:

Talvez não seja ilegítimo pensar que o sofrimento e a experiência traumática do exílio tiveram um peso determinante em estimular as primeiras reflexões dos psicanalistas sobre o problema do uso de línguas diferentes da materna no trabalho psicanalítico cotidiano (Amati-Mehler et al., 1990/2005, p. 74).

Conforme posto pelos autores, nesse momento, psicanalistas começam, pela primeira vez, a discutir e produzir diretamente sobre a temática. Aqui, destacam-se os artigos de Velikovsky (1938); Stengel (1939); Buxbaum (1949); Greenson (1950); Krapf (1955) e Lagache (1956). Essa sistematização passa a acontecer devido a esses psicanalistas se virem desafiados a não somente atender dentro dos consultórios em línguas estrangeiras, como também viver a realidade do exílio. Tal vivência foi diversa devido à subjetividade de cada um, mas gerou efeitos importantes para o avanço do questionamento acerca da língua no trabalho clínico e para a internacionalização da Psicanálise - com a chegada desses psicanalistas exilados, instituições de ensino, prática e transmissão psicanalítica foram fundadas, seja por eles ou seus filhos, na França, Estados Unidos, Argentina, México, Uruguai, Chile e Reino Unido (Boczkowski, 2006).

5 LACAN E O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM

No texto *Função e campo da fala e da linguagem*, produzido por ocasião do Congresso de Roma de 1953, Lacan (1998/1953) retoma os fundamentos e a técnica da psicanálise, situando o lugar de destaque da fala e da linguagem no processo analítico, que a seu ver, tinha se perdido nas instituições analíticas de sua época. No ano de 1956, em seu Seminário III, Jacques Lacan postula uma de suas mais importantes, conhecidas e reverenciadas contribuições: “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem.” (Lacan, 1998/1956, p. 139). Isso significa que as leis e mecanismos da linguagem, como metáfora e metonímia, deslocamento e condensação, substituição e combinação, relação e transformação de significantes, regem o funcionamento do inconsciente, permitindo a expressão de conteúdos do inconsciente de forma simbólica e disfarçada (Lacan, 1999/1957-8).

Lacan apossa-se de conceitos descritos por Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, para desenvolver seu trabalho de um retorno a Freud, revisitando a teoria psicanalítica e fazendo com que, contemporaneamente, o uso desses signos seja bastante usual em produções psicanalíticas. Para Saussure, “A língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (Saussure, 1916/2019, p.128), entendendo por sincrônico “tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência” (p.124) e por “diacrônico tudo que diz respeito às evoluções.” (p.124). Portanto, a língua é “a norma de todas as outras manifestações da linguagem [...] um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício

dessa faculdade pelos indivíduos” (Saussure, 1916/2012, p.40). O idioma, por sua vez, possui uma definição política, descrevendo uma língua adotada oficialmente por um país - por exemplo, a língua portuguesa é o idioma do Brasil. Por sua vez, a linguagem é entendida como o encontro entre “a língua, ‘social em sua essência’, e a fala, ‘parte individual da linguagem” (Saussure, 1970, p. 27 apud. Discini, 2017). Essas considerações são importantes para situar que “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que não significa que o seja como uma língua” (Chemana, 1995, p. 107). Nesses termos, Lacan se apropria das contribuições da linguística estrutural, também com base nos estudos do linguista Robert Jakobson, acerca da distinção entre significante e significado, para a qual o significante constitui “uma rede para a estrutura sincrônica do material da linguagem, enquanto cada elemento assume nela sua função (...) por ser diferente dos outros” (Chemana, 1995, p. 107). Essas considerações sobre a linguagem permitem a Lacan que, no retorno à Freud, as funções da fala do paciente restabeleçam seu valor no exame do que acomete o sujeito e lhe causa sofrimento.

A partir disso, Lacan propõe que o sintoma “está sempre fundado na existência do significante como tal, numa relação complexa de totalidade” (Lacan, 1956/1998, p.141). Trata-se sempre de um trabalho com a fala, o que situa a originalidade do método psicanalítico.

Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (Lacan, 1998/1953, p.259).

Apoiando-se na linguística, Lacan formula a noção de que o sintoma, assim como outras formações do inconsciente, tem íntima relação com a linguagem. Apropriando-se e subvertendo construções e conceitos saussurianos como *signo*, *significante* e *significado*, Lacan decide utilizar o estruturalismo, pois, segundo ele, “A lingüística (sic) pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferentes” (Lacan, 1998/1953, p. 286). Para Lacan (1998/1953, p. 282), o sintoma “é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito”, participando da linguagem pela sua ambiguidade semântica.

Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem e temos notícias dele por meio da fala, depreende-se que “é uma fala em plena atividade, pois inclui o discurso do outro no segredo de seu código” (Lacan, 1998/1953, p. 282). Nesse sentido, a linguagem capta o

desejo no ponto em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer, num processo que é peculiar ao sujeito. Cabe ao analista, em sua arte de analisar, a suspensão “das certezas dos sujeitos, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a solução delas” (Lacan, 1998/1953, p.253).

No que tange a clínica com pacientes migrantes, esse também não foi um tema tratado por Lacan. Entretanto, como a clínica psicanalítica implica a fala como meio de acesso ao inconsciente, as formulações de Lacan acerca do inconsciente estruturado como uma linguagem e da referência ao Outro como constituinte da subjetividade dos sujeitos, são fundamentais para um trabalho com aquele que fala outra língua. No presente momento histórico, em que o fluxo migratório transnacional se intensifica notavelmente, as questões da língua, da linguagem, dos signos e significantes, articuladas na narrativa da experiência de desterritorialização e desamparo frequentemente relatada por esses migrantes, assumem relevância na prática clínica e na produção e pesquisa psicanalítica. Devemos considerar que a articulação de uma prática exige a revisitação da teoria, garantindo que os métodos empregados na análise do sofrimento no contexto migratório se sustentem naqueles estritos da psicanálise freudiana, tão bem retomados por Lacan no retorno à Freud.

6 A QUESTÃO NA CONTEMPORANEIDADE PÓS-LACANIANA

Devido às recentes crises humanitárias, países europeus e americanos se viram desafiados a acolher milhares de imigrantes e refugiados. Haiti, Líbia, Síria, Venezuela, Ucrânia, Congo, República Democrática do Congo, Afeganistão e Palestina são alguns exemplos de países que, envolvidos em conflitos bélicos, desastres naturais ou delicadas situações políticas, tiveram uma considerável parte de sua população deixando seu território (ACNUR, 2023).

A Psicanálise não esteve alheia a esse movimento e, para os fins deste artigo, considera-se importante ao menos apresentar algumas das produções na temática. Dos anos 1990 até hoje, publicações analíticas sobre o tema das línguas estiveram majoritariamente ligadas ao refúgio e às imigrações forçadas. Charles Melman, reconhecido aluno de Lacan, tem escritos, palestras e uma entrevista organizada e publicada por Contardo Calligaris (Melman, 1992) em que discute os efeitos da mudança de língua e país na dinâmica psíquica de quem migra. Ainda, ele publicou, em parceria com Nazir Hamad, o livro “*Psicologia da Imigração*” (Hamad e Melman, 2019), no qual trata dos efeitos psíquicos da experiência migratória e da questão da adoção internacional. Slavoj Žižek (2020) é outro pós-lacanianista

que se debruça sobre o tema das migrações, ainda que com menor enfoque na questão da língua. Além desses, duas importantes publicações sobre a temática são o *“Lost Childhood and the Language of Exile”* (Szekacs-weisz & Ward, 2007), compêndio resultante de uma série de eventos sobre o assunto que foram realizados em Londres, Paris e Budapeste; e *“Mother Tongue and Other Tongues: Narratives in Multilingual Psychotherapy”* (Zarbafi & Wilson, 2021); vinculados ao *Multilingual Psychotherapy Centre* (MLPC), um centro de estudos sobre o tema localizado em Londres. Nesses escritos, autores radicados em diversos países apresentam considerações teóricas e práticas de como a questão da migração, e da língua estrangeira, figuram em seus consultórios e práticas.

A mesma lógica se repete ao explorarmos a produção nacional acerca da temática. Diversos autores debruçam-se sobre questões relacionadas às imigrações forçadas. Muitas dessas publicações, inclusive, estão vinculadas a universidades públicas e projetos de extensão (De Oliveira, 2020, p. 8). Ainda assim, pouquíssimo é debatido em eventos científicos nacionais, pesquisas e espaços de articulação da Psicanálise sobre a questão da língua no atendimento clínico. Não obstante, algumas produções, como os artigos "Em outras palavras" (Kacelnik, 2009), "Língua materna, língua estrangeira: reflexões sobre a língua do analista" (Gebrim, 2016), "Fazer análise em língua estrangeira?" (Weissman, 2021), "Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência" (Ayouch, 2015) e o livro "Psicanálise afora: Percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro" (Betancourt & Anconi, 2021) figuram nos agrupadores científicos ainda que em pouco número. À semelhança dos escritos em outras nações, observa-se que a temática da língua estrangeira se manifesta no contexto brasileiro contemporâneo, alicerçada nos crescentes estudos sobre imigração e refúgio no campo da psicologia, bem como na diáspora brasileira global. Nesse panorama, não apenas pacientes necessitam buscar atendimento em outros idiomas, mas também analistas se veem desafiados a prover assistência em outro idioma e/ou a lidar com brasileiros imigrantes imersos no processo de perda e aquisição de uma nova língua e cultura — é justamente sobre essas temáticas que tratam grande parte desses escritos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja vista os recentes conflitos sociopolíticos, as guerras, a derrocada econômica e as crises climáticas em diferentes países - como Síria e Afeganistão, Rússia e Ucrânia, Palestina e Israel; Venezuela, Cuba, Congo, República Democrática do Congo, Sudão e Mianmar, para

citar alguns; o número de refugiados e migrantes forçados que chegam em território brasileiro cresce anualmente. O acolhimento e atendimento a pessoas originárias destes e outros países implica em ter um olhar para as condições materiais e psíquicas vivenciadas por estes migrantes forçados, e também para aquilo que é comum a quem é atravessado pelas perdas - dos referenciais simbólicos e culturais, da língua, dos bens materiais, da terra de origem e pertença. Quando chegam à clínica, é a partir de um trabalho com a palavra e a escuta que se opera. Assim, a clínica psicanalítica com migrantes forçados se debruça sobre as questões do trauma, do luto (Ragnini, Serathiuk, e Guerra, 2010) e do sofrimento sociopolítico (Debieux, 2016) vivenciado por esses sujeitos. Atender migrantes forçados falantes de outra língua requer do analista perícia com o manejo do tratamento e a direção de trabalho, o que não se faz sem revisitar a teoria e a prática psicanalíticas e refletir sobre elas. É nesse sentido que se faz essencial recuperar na história e na produção psicanalíticas os apontamentos e discussões acerca do atendimento em língua estrangeira. Como considerações a esse ponto, destaca-se a importância de se ter uma via de diálogo com o migrante - uma língua que possa ser minimamente compartilhada, seja a do analista, do analisando ou uma terceira língua. Quando essencial para o caso, conta-se também com o auxílio de mediadores culturais e tradutores para que o atendimento aconteça. Para que a história possa ser contada, o diálogo intersubjetivo deve comparecer à cena do atendimento. E no curso do trabalho, as palavras (muitas vezes ditas na língua materna) e os significantes devem ser acolhidos por quem escuta, delimitando para o sujeito seu lugar no discurso e na relação com o Outro.

Uma migração desarticulada de uma história subjetiva não nos diz muita coisa. Mas uma migração posta num discurso pode dizer muito, mesmo quando faltam as palavras, sobretudo quando um excesso pode aparecer na língua materna, quando o deslocamento toca um corpo que se apresenta enigmático, quando na roda da repetição o sujeito passa por mais uma curva, ou volta, que dessa vez se veste da migração. (Ragnini et al., 2024, p.383).

Ainda que haja significativa publicação psicanalítica acerca da dinâmica psíquica em sua relação com o fenômeno migratório, especialmente na última década, poucos pesquisadores se debruçaram sobre as implicações práticas da língua no trabalho clínico. Prova disso é a escassa produção psicanalítica sobre o tema das línguas estrangeiras e seus lugares no *setting* clínico e no manejo da transferência. Para um melhor entendimento da problemática, realizou-se uma investigação bibliográfica sobre o lugar das línguas estrangeiras na clínica psicanalítica no intuito de fomentar e sustentar o debate sobre essa

questão que, como veremos, está sendo discutida em segundo plano desde a época de Freud e os primeiros analistas, até os dias de hoje.

Entretanto, a partir da análise do material consultado para essa pesquisa, é possível constatar a viabilidade da realização de um tratamento psicanalítico em língua estrangeira, desde que as condições mínimas (uma língua em comum e a transferência) estejam presentes no encontro entre quem fala e quem escuta, o que não se faz sem desafios para o tratamento. O tratamento psicanalítico é aquele que se dá no encontro entre dois sujeitos, que se utilizam da fala e da escuta, numa relação transferencial, para operar a cura. Uma cura pela palavra, como Anna O ensinara a Freud. Se a palavra articula representações e afetos, a partir do que é possível ter notícias do inconsciente, compreender o lugar das palavras estrangeiras ou mesmo do encontro estrangeiro (entre pessoas de culturas e línguas diferentes) na transferência e na dinâmica psíquica do analisando é elemento fundamental para esse tratamento. A viabilidade de um tratamento psicanalítico em língua estrangeira não foi questionado por Freud ou Lacan e se apresenta nas produções psicanalíticas atuais como uma tema que instiga um retorno aos fundamentos da psicanálise. Assim, teorizar, a partir da experiência, acerca da clínica psicanalítica com imigrantes se torna não apenas uma demanda científica, mas social. Colocar em evidência os fundamentos psicanalíticos e articulá-los com a clínica com essa população, em especial em contextos de formação de analistas como a universidade e as escolas de Psicanálise, demonstra-se importante não apenas como capricho científico, mas como pura observação e trabalho com a realidade material. Só assim é possível avançar com a Psicanálise.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, N.; TOROK, M. **The Wolf Man's Magic Word: A Cryptonymy**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1976.

ACNUR/UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends - Forced Displacement in 2022**. 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>. Acesso em: 7 jul. 2025.

AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. **A Babel do Inconsciente: Língua Materna e Línguas Estrangeiras na Dimensão Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Imago, 2005. (Publicado originalmente em 1990).

AYOUCH, T. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 32, n. 1, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETANCOURT, E.; ANCONI, M. **Psicanálise afora: Percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2021.

BOCZKOWSKI, D. **Psychoanalysis and Foreign Language**. Cycle de conférences à la Maison de l'Amérique Latine, 2006.

BUXBAUM, E. The role of a second language in the formation of Ego and Superego. **Psychoanalytic Quarterly**, v. 18, 1949.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, M. O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 88-113, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20336/rbs.235>.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. **Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas**. Brasília: OBMigra, 2023. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 7 jul. 2025.

CHEMAMA, R.. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre, 1995. Artes Médicas Sul.

DE OLIVEIRA, A. **Revisão de literatura sobre migração e refúgio no campo da psicanálise**. Curitiba, 2020. Texto não publicado.

DISCINI, Norma. **O conceito saussuriano de língua: desdobramentos**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 46, n. 3, p. 958-970, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i3.1741.

FIORANI, F. **História ilustrada da II Guerra Mundial**. São Paulo: Larousse, 2009.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. II, 1996. (Publicado originalmente em 1893).

FREUD, S. A Interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. **Obras Completas Vol.04**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Publicado originalmente em 1900).

FREUD, S. Letter to Karl Abraham from 23 July 1908, **Correspondance Freud Abraham. 1907-1926**. Paris. Gallimard. 1969, and in Les deuils de Freud. Gomberoff L. and Kamienny-Boczkowski D. presented AIHP. Aix en Provence. July 2006.

FREUD, S. História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”) (1918). In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”); Além do princípio do prazer e outros textos (1917- 1920)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. v. 14, p. 382-388. (Publicado originalmente em 1918).

FREUD, S. **Freud to Jones**. Janeiro, dia 28, 1921. In English.

- FREUD, S. O Fetichismo. In: FREUD, S. **Neurose, Psicose, Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. (Publicado originalmente em 1927).
- GAY, P. **Freud: a life for our time**. Londres: J. M. Dent & Sons, 1988.
- GEBRIM, A. Língua materna, língua estrangeira: reflexões sobre a língua do analista. **Revista Lacuna**, [s. l.], [2016].
- GEDIEL, J. A. P.; GODOY, G. G. **Refúgio e Hospitalidade**. [S. l.]: Kairós Edições, 2016.
- GREENSON, R. R. The mother tongue and the mother. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 30, 1950.
- HAMAD, N.; MELMAN, C. **Psicologia da Imigração**. São Paulo: Instituto Lalangue, 2019.
- JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Publicado originalmente em 1953).
- JUNGER DA SILVA, G.; CAVALCANTI, L.; DE OLIVEIRA, A. T. R. **Refúgio em Números 10ª Edição**. Brasília, DF: Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações, 2025.
- KACELNIK, J. Em outras palavras. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 49-59, mar. 2009.
- KERNBERG, O. Prefácio. In: _____. **Ibid.** [S. l.]: [s. n.], 1990.
- KRAPF, E. The choice of language in polyglot psychoanalysis. **Psychoanalytical Quarterly**, v. 24, n. 3, 1935.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de V. Ribeiro. [S. l.]: Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1953).
- LACAN, J. A coisa freudiana ou Sentido de retorno a Freud em psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de V. Ribeiro. [S. l.]: Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1955).
- LACAN, J. **O Seminário livro 3, As psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Publicado originalmente em 1956).
- LACAN, J. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Publicado originalmente em 1957-1958).
- LAGACHE, D. Sur le polyglottisme dans l'analyse. **La Psychanalyse**, [s. l.], 1956.
- MARTINS-BORGES, L. Migrações Involuntárias e Impactos Psíquicos: a mediação da cultura. In: PERES, R. et al. **Sujeito Contemporâneo, Saúde e Trabalho: múltiplos olhares**. [S. l.]: EDUFSCAR, 2017. p. 169-186.
- MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo: Editora Escuta, 1992.

NUNBERG, H. **The Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society Volume II: 1908-1910**. New York: International Universities Press, 1967.

OR-GORDON, E. Therapeutic Mother Tongue and its Implications on the Work of Polyglot Psychotherapists. **Language and Psychoanalysis**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 4-26, 2021.

RAGNINI, E. C. S.; SERATHIUK C. G.; GUERRA, A. S. S. L. A Clínica Psicanalítica com Refugiados e Migrantes. In: GEDIEL, J. A. P.; FRIEDRICH, T. S. (Org.). **Movimentos, memórias e refúgio: Ensaios sobre as boas práticas da Cátedra Sergio Vieira de Mello (ACNUR) na Universidade Federal do Paraná**. 1. ed. [S. l.]: Inverso, 2020. p. 122-129.

RAGNINI, E. C. S. et al. **MOVE – Movimentos Migratórios e Psicologia**. 1. ed. [S. l.]: N-1 Edições, 2023.

RAGNINI, E.C.S. et al. A escuta de refugiados e migrantes: mal-estar e presença do analista. **Interação em Psicologia**. Vol 28, n.03, 2024. DOI: <https://dx.doi.org/10.5380/riep.v28i3.92644>.

RODRIGUÉ, E. **Sigmund Freud: o século da psicanálise - 1895-1995**. Vol. 1. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALLES, D. M. N. N.; RIGGO, R. F. Q.; SANTOS, L. F. A acolhida humanitária com a lei 13.445/17: rumo a um tratamento digno ao migrante forçado no Brasil. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 11, n. 23, p. 131–144, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.18316/rcd.v11i23.5859>.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo, SP: Cultrix, 2012. (Trabalho original publicado em 1916).

STENGEL, E. On learning a new language. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 20, 1939.

SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. **Lost Childhood and the language of exile**. Londres: Imago East/West / The Freud Museum, 2007.

VELIKOVSKY, E. Can a newly acquired language become the speech of the unconscious? Word-Plays in the Dreams of Hebrew-Thinking Persons. **Psychoanalytic Review**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 329-335, 1934.

VIERECK, G. **Glimpses of the Great**. [S. l.]: [s. n.], 1930. (Publicado originalmente em 1927).

WEISSMANN, L. **Interculturalidade e vínculos familiares**. São Paulo: Editora Blucher, 2019.

WEISSMANN, L. Fazer análise em Língua estrangeira? **Jornal de Psicanálise**, [s. l.], v. 54, n. 101, p. 123-140, 2021.

ZARBAFI, A.; WILSON, S. **Mother Tongue and Other Tongues: Narratives in Multilingual Psychotherapy**. Londres: Phoenix Publishing House, 2021.

ZACHAREWICZ, F.; FORMIGONI, M. Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906-1908. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 309-312, dez. 2015.

ZIZEK, S. O coronavírus e os refugiados na Europa. In: ZIZEK, S. **Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.